



**casa  
nobre**  
um património  
para o futuro

**ATAS**

**Arquivos e Documentação Familiar**  
**Memória Histórica: História da Família, Genealogia e Heráldica**  
**Turismo e Desenvolvimento Regional**  
**Património: Estudos, Defesa e Valorização**

10 a 12 de novembro de 2022

**casa das artes**

arcos de valdevez



## Ficha Técnica

Título:

**Atas do 6.º Congresso Internacional  
Casa Nobre – Um Património para o Futuro**

**Book of the 6th International Congress  
Noble House: A Heritage for the Future**

Coordenação:

**Joana Lencart**

**Nuno Soares**

**Armando Malheiro da Silva**

**Luís Damásio**

**João Carlos Gachineiro**

Edição:

**Município de Arcos de Valdevez**

Data:

**Outubro de 2024**

ISBN:

**978-972-9136-92-4**

Depósito Legal:

**531657/24**

As imagens reproduzidas são da exclusiva responsabilidade dos autores dos textos.

Parceria:



**CITCEM**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA



**U. PORTO**  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO



## Memória Histórica

História da Família, Genealogia, Documentação Familiar e Heráldica

Conde de Barca: tendo resolvido nomear o Ministro  
que me ha de servir na Secretaria de Estado. Ao  
Conde o nomeio na dos Negocios Estrangeiros e  
da Guerra, e na Secretaria da Casa de Bragança.  
Para a de Marinha nomeio Conde de Palmella.  
Providente do Exario José Paulo Bezerra: e na  
dos Negocios do Reino, o Conde dos Arcos. O  
Conde fica a servir a Secretaria de Negocios.  
Palácio do Rio de Janeiro — de Maio de 1817.

= Afirmação = Rey



# AINDA OS TRABALHOS NOBILIÁRIOS DE MANUEL DE FARIA E SOUSA

JOAQUIM LUÍS COSTA<sup>1</sup>  
E-mail: joaquim.costa@valsousa.pt

## A VIDA E OBRA DE MANUEL DE FARIA E SOUSA

Manuel de Faria e Sousa nasceu na quinta do Souto, no Couto de Pombeiro<sup>2</sup>, em 18 de março de 1590, sendo o primeiro filho, de um total de oito, de Amador Pires de Eiró, fidalgo da Casa Real, e de Luísa de Faria e Sousa. Estes casaram em 1589 no Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro (COSTA, 2012:32), cabeça do couto e cuja fundação fora patrocinada pela família dos Sousas, ou Sousões, uma das cinco primeiras linhagens da nobreza nacional e uma das mais ilustres e antigas do Entre Douro e Minho (MORENO PORCEL, 1650:11).

Os pais de Faria e Sousa foram senhores das quintas da Caravela e do Souto, ambas em Pombeiro, tendo vivido e morrido na primeira (COSTA, 2012:32).

Do ramo materno, Faria e Sousa teve como bisavô Manuel de Sousa Homem que herdou de seu pai, Henrique Homem de Sousa, a Casa de Valmelhorado, nesta mesma freguesia de Pombeiro. Estes pertenciam aos Sousas-Homens, um ramo da família dos Sousas (PAULINO, 1996:143).

Ainda do mesmo ramo materno, Faria e Sousa descendia igualmente de Fernando (ou Fernão) Perez de Faria, rico-homem, alcaide-mor de Miranda e senhor do Castelo de Faria, em Barcelos (FREITAS, 1985:245). A sua trisavó, Beatriz de Faria, casou com Francisco de Novaes ou com Juan de Faria. Deste relacionamento, nasceu Catarina de Faria que, ao casar com Manuel de Sousa Homem, teve Estácio de Faria, avô de Manuel de



Fig. 1 – Manuel de Faria e Sousa.  
In *Lusiadas de Luiz de Camoens*, 1639.

<sup>1</sup> Historiador na Rota do Românico. Membro do CERT (Centro de Estudos do Românico e do Território), da APHES e do CEPESE.

<sup>2</sup> Em 1112, D. Teresa de Leão (c. 1080-1130), condessa portugalense, atribuiu carta de Couto ao Mosteiro de Pombeiro. Atualmente, Pombeiro é uma freguesia do concelho de Felgueiras, distrito do Porto, Portugal.

Faria e Sousa. A mãe deste último era filha de Estácio de Faria e de Francisca Ribeiro, esta da quinta do Ribeiro, também em Pombeiro (COSTA, 2012:35-36).

Faria e Sousa foi batizado e aprendeu as primeiras letras no Mosteiro de Pombeiro.



Fig. 2 – Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro (Fotografia: Rota do Românico).

Embora os seus pais pretendessem que seguisse a vida religiosa – motivo que o levou a estudar Lógica, História e Poesia em Braga (LEYVA MARTÍN, 1987) ou em Refojos de Basto (COSTA, 2012:25) e, posteriormente, no Porto (ALVES, 2011), onde também secretariou D. Gonçalo de Morais, 41.º Bispo do Porto (1602-1617) –, Faria e Sousa ambicionava um outro rumo para a vida (COSTA, 2017). Assim, contrariando a vontade dos pais, Faria e Sousa apaixonou-se por três mulheres ao mesmo tempo, optando por casar, por volta de 1614, com Catarina Machado (COSTA, 2012:25), da rua Chã do Porto, filha de Pedro Machado e Sousa, contador-mor da Fazenda Real do Porto, e de Catarina Lopes Ferreira (FREITAS, 1985:246).

Do casamento, nasceram nove filhos: Pedro de Faria e Sousa, Manuel de Faria, Luísa de Faria, Juan, Diego, Juan Rufo, Ana Maria, Francisca e Juan Baptista (COSTA, 2012:36).

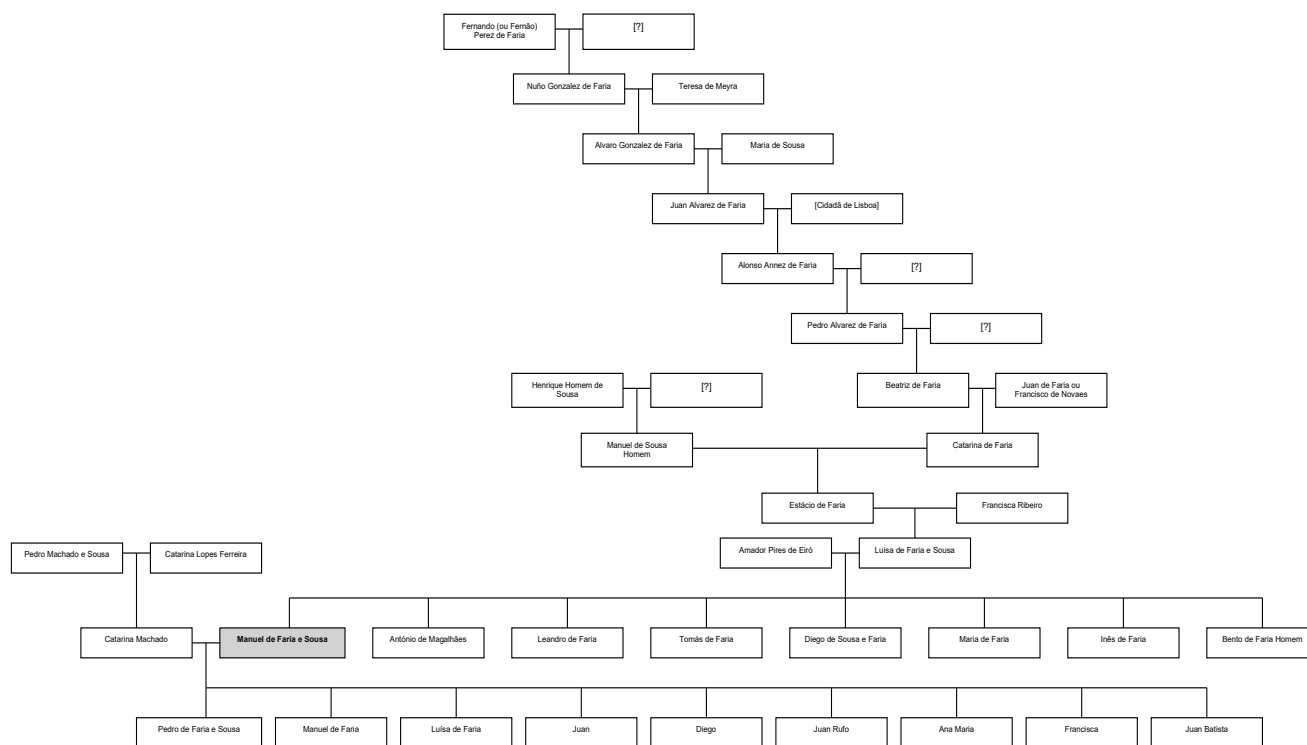


Fig. 3 – Esquema genealógico da ascendência e descendência de Manuel de Faria e Sousa.  
Adaptado de Costa (2012:39-40)<sup>3</sup>

Conhecendo as suas qualidades intelectuais, Pedro Álvares Pereira (c. 1560-1622), senhor da Serra Leoa e futuro conde de Muge, que exercia as funções de secretário do Conselho de Estado de Filipe III (1598-1621) de Espanha, convidou-o para seu secretário particular. Faria e Sousa aceitou o convite e partiu para a capital madrilena por volta de 1618. Exerceu o cargo até 5 de agosto de 1622, data em que morreu o mencionado conde (COSTA, 2017).

Desocupado em Madrid, Faria e Sousa regressou a Portugal, optando por viver em Lisboa. De imediato, foi requisitado pelo 2.º Marquês de Castelo Rodrigo, Manuel de Moura Corte-Real (1590-1651), para escrever a sua história genealógica. Em outubro de 1631, seguiu para Roma para ocupar o cargo de secretário da embaixada, em virtude do Marquês de Castelo Rodrigo ter sido nomeado embaixador do reino junto do Papa Urbano VIII (1623-1644) (COSTA, 2017).

Antes de partir para Roma, Faria e Sousa esteve em Pombeiro, sendo a sua última visita à terra onde nasceu (COSTA, 2012:26).

<sup>3</sup> Fontes: FREITAS, Eduardo de – *Felgerias Rúbeas: subsídios para a história do concelho de Felgueiras*. 2.ª ed. Felgueiras: edição do autor, 1985, pp. 245-246; SILVA, Manuel de Sousa da – *Nobiliário das gerações de Entre-Douro-e-Minho*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, 2000, vol. II, pp. 348-349; SOUSA, Manuel de Faria e – *Nobiliário del conde de Barcellos, D. Pedro, hijo del rey D. Dionis de Portugal traducido castigado y con nuevas ilustraciones de varias notas*. Madrid: Alonso de Paredes, 1646, pp. 667-690.

Por motivos ainda não inteiramente esclarecidos, em 28 de junho de 1634, regressou a Madrid, onde foi preso por suspeita de conspiração contra a monarquia Filipina. Uma vez considerado inocente, foi posto em liberdade, mas com residência permanente na capital espanhola (COSTA, 2017).

Adoeceu gravemente em 1647 e morreu dois anos depois, em 3 de junho de 1649. Foi sepultado no Mosteiro Premonstratense de Madrid. Em 1660, a sua família trasladou os seus restos mortais para a igreja do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, na sua terra natal.

A vida de Manuel de Faria e Sousa não é tão simples como o exposto nesta breve resenha biográfica. As opções de vida tomadas pelo escritor, sobretudo as de âmbito político, têm sido muitas vezes interpretadas e comentadas em função da lealdade ou não à coroa portuguesa após a Restauração da Independência, iniciada em 1 de dezembro de 1640<sup>4</sup>, devido a não ter regressado a Portugal após este acontecimento.

Se existem dúvidas de como atuou e pensou sobre a independência portuguesa em relação a Espanha, o mesmo não se pode presumir nos seus trabalhos literários devido a se apresentar como um escritor cujo tema principal foi o mundo português, procurando divulgar e valorizar o reino onde nasceu. Todavia, neste âmbito, as suas opções também foram bastante questionadas, muito devido à forma, por vezes, pouco ortodoxa de escrever.

Manuel de Faria e Sousa foi um incansável homem de letras, muito devido à sua grande facilidade para a escrita e a uma fecunda imaginação (CORREIA et al., 1935-1957). Era comum trabalhar em vários projetos literários ao mesmo tempo, com umas obras sugerindo-lhe outras e, por isso, suspendia a que estava a fazer para começar uma outra (LEMOS, 2003).

Em cerca de três décadas, escreveu milhares de páginas, sendo o resultado de uma aplicação permanente ao trabalho, dedicando-se à tarefa literária sem fadiga e sem com prazer de solicitações estranhas (ALMEIDA, 1945:XI).

Atualmente, conhece-se cerca de meia centena de obras, entre manuscritas e impressas. Segundo consta, antes de morrer, o escritor mandou queimar alguns dos seus manuscritos (CORREIA et al., 1935-1957:931).

Faria e Sousa é sobretudo conhecido pelos seus trabalhos como historiador, poeta e comentador, embora tenha igualmente efetuado trabalhos literários como biógrafo, catalogador, cronista, novelista, tradutor, entre outros, como se procura evidenciar neste artigo. Apesar de ser multifacetado, a sua maior atenção foi dada aos três géneros referidos inicialmente.

Como historiador, foi sua intenção redigir uma história geral de Portugal. A obra *Epítome de las historias portuguesas*, de 1628, marcou o começo do projeto, seguindo-se os volumes dedicados à *Asia*, à *Europa* e à *Africa portuguesa*, sendo estes editados após a sua morte. Chegou a fazer o volume *America portuguesa*, sobre a história do Brasil, mas desconhece-se o seu paradeiro.

Como poeta, Faria e Sousa demonstrou o interesse pela linguagem poética, prestando a atenção a todos os seus aspetos (SILVA, 2001), tendo sido o primeiro a escrever em versos de oito sílabas o que se compunha em onze, assim como as sextinas de consoantes (CORREIA et al., 1935-1957).

Como comentador, a sua atenção literária foi direcionada para Luís Vaz de Camões (c. 1524-1580), evocando constantemente a sua figura e a sua obra.

<sup>4</sup> Em 1 de dezembro de 1640, dava-se início à Restauração da Independência Portuguesa em relação ao reino espanhol, pondo fim a seis décadas de domínio castelhano em Portugal, iniciado em 1580, através da designada União Ibérica. O capítulo final deu-se em 13 de fevereiro de 1668 com a assinatura do Tratado de Lisboa, pelo qual Carlos II (1665-1700) de Espanha reconheceu oficialmente a independência portuguesa (COSTA, 2012:20).

Dos seus trabalhos que se conhecessem dedicados a Camões, destacamos *Lusiadas de Luis de Camoens, príncipe de los poetas de España. Comentadas por Manuel de Faria e Sousa*, de 1636; *Lusiadas de Luis de Camoens, príncipe de los poetas de España. Al rey nuestro señor Filipe Quarto, el grande. Comentadas, etc.*, de 1639; *Rimas varias de Luis de Camoens, príncipe de los poetas heroycos y lyricos, de España... commentadas*, publicado postumamente em cinco tomos, em 1685 (tomos I e II) e 1689 (tomos III, IV e V); *Cintra*, publicado em *A vida de Camões* por Thomás Joseph de Aquino, em 1880; e *Vergel de Amor: elegia de Luis de Camões, comentada por Manuel de Faria y Sousa*, de 1988, sendo uma edição fac-similada.

Hélio Alves (2011:390) designou-o como o “mais influente e importante editor e comentador de Camões de todos os tempos”.

De salientar que o escritor nunca escondeu a devoção que tinha por Camões. Faria e Sousa terá sido um dos mais incondicionais seguidores de Camões, manifestando-o de diversos modos, como retirando de outros poetas — como sucedeu com Diogo Bernardes (c. 1520-1605), Fernão Álvares do Oriente (1540-1600) ou Francisco Rodrigues Lobo (1579-1621) — os textos que pareceriam condizer com Camões (MANUEL DA SILVA, 2001), porque ele tinha de ser, para Faria e Sousa, o poeta maior português e, deste modo, estar num patamar literário superior em relação aos demais poetas.

Apesar de os seus escritos serem especialmente direcionados para temas portugueses, os longos anos vividos em Madrid estão também presentes, mas em menor proporção, nomeadamente em *Epithalamio de los casamientos de los señores Marqueses de Molina*, de 1624; em *Nenia*, de 1644; em *Pompa funeral de la reyna de Castilla, D. Isabel de Bourbon*, de 1645; em *Historia de España escrita por Apiano traducida en castellano*, trabalho histórico não editado (COSTA, 2017); e na biografia *El gran justicia de Aragon don Martín Baptista de Lanuza*, de 1650.

Como referido, ainda que as suas obras mais importantes ou conhecidas se possam posicionar maioritariamente no âmbito da história, da poesia e de comentário a Camões, Faria e Sousa teve ainda tempo para se dedicar a trabalhos que podemos considerá-los no âmbito da genealogia.

## AINDA OS TRABALHOS NOBILIÁRIOS DE MANUEL DE FARIA E SOUSA

Faria e Sousa escreveu obras, capítulos em obras e comentou outras, manuscritas e impressas, que se podem enquadrar no estudo de linhagens, embora muitas delas se possam considerar, primeiramente, no âmbito da disciplina histórica. De entre esses trabalhos, podemos citar:

*Sumario de Las vidas de los Reyes de Portugal desde D. Fernando el Magno de Castilla hasta D. Juan III*. Trabalho manuscrito (LEYVA MARTÍN, 80);

*Historia de los Marqueses de Castel-Rodrigo, y de la familia de Moura*. Efetuado por volta de 1622 e 1631, a pedido do 2.º Marquês de Castelo Rodrigo;

*Escudos de armas, la mayor parte de Portugal*. Efetuado por volta de 1501 e 1600. Manuscrito anónimo, com anotações de Faria e Sousa;

*Lusiadas de Luiz de Camoens, Principe de los Poetas de España*. Em dois volumes, impressos em Madrid por Ivan Sanchez, em 1639. Faria e Sousa num dos capítulos descreveu a vida de Camões;

*Nobiliario del Conde de Barcelos, Don Pedro, hijo del Rey D. Dionis de Portugal*. Publicado em 1646. Tradução do português para a língua espanhola e comentários de Faria e Sousa;

*El gran justicia de Aragon don Martín Baptista de Lanuza*. Publicado em 1650. Obra póstuma. Narração da vida de D. Martín Baptista de Lanuza, cavaleiro da Ordem de Santiago (COSTA, 2012:63);

*Rimas varias de Luis de Camoens, príncipe de los poetas heroycos y lyricos, de España... commettadas*. Publicado em 1685, a título póstumo. Faria e Sousa, num dos capítulos, descreveu novamente, embora de forma abreviada, a vida de Camões.

Não sabemos se existem outros trabalhos. No *Elogio* a Faria e Sousa, um dos textos introdutórios ao *Nobiliário del Conde de Barcelos*, são enumerados os trabalhos do autor e, de entre esses, são indicados dois trabalhos de história genealógica, embora sem indicação dos títulos. Poderão ser dois dos acima citados ou outros trabalhos.

Relativamente às obras identificadas, não serão objeto de análise as duas primeiras devido a desconhecermos o seu paradeiro ou não se ter tido acesso a elas. Analisemos, agora, as restantes obras e capítulos, seguindo a potencial ordem de escrita ou edição.

Em data incerta, possivelmente entre 1501 e 1600, foi redigido um manuscrito, cujo autor se desconhece, com o título *Escudos de armas, la mayor parte de Portugal*, sendo originalmente composto apenas por desenhos de brasões. Este manuscrito não tem folha de rosto e nenhum dado indicativo sobre o seu autor e a sua origem. Possui 238 brasões minimamente acabados, embora alguns deles ainda não estejam totalmente finalizados (por exemplo, falta pintá-los) e outros estejam truncados devido à deterioração a que a obra esteve sujeita. Todos possuem indicação do apelido da família que representam. A obra tem, também, outros escudos em esboço, o que significa que não chegou a ser terminada pelo seu autor original. No final, é apresentado um sumário – *Tabla* – manuscrito de todos os brasões desta obra, possivelmente um acrescento ao conteúdo original. A encadernação será também posterior.

Manuel de Faria e Sousa encontrou este manuscrito em abril de 1627, numa livraria da Calle de Toledo<sup>5</sup>, em Madrid, estando originalmente os fólhos numerados do n.º 30 ao 98. O autor dos comentários sugere que, mais tarde, este manuscrito foi novamente numerado manualmente e que possivelmente esta obra foi encadernada. Considerou, ainda, que desde o fólio 36, os escudos de armas estão ordenados pela mesma ordem que estes se podem encontrar no livro que o rei D. Manuel (1495-1521) mandou fazer<sup>6</sup> e que se encontra depositado na Torre do Tombo, e que estes escudos estão copiados de forma verdadeira conforme o citado livro. Faria e Sousa, ao entrar em contacto com este manuscrito, não se limitou a lê-lo. Também quis acrescentar a sua opinião, escrevendo comentários a alguns dos brasões desenhados. Enunciemos alguns desses comentários.

Um dos brasões que Faria e Sousa comentou foi o dos Cortizos. Sobre este, o escritor comentou que já tinha visto um escudo de armas semelhante num outro livro, aquando da sua estada em Lisboa, e que nessa obra o escudo estava identificado como sendo da família Cortiçada. Perante esta dúvida, o autor colocou a hipótese de o escudo desenhado neste manuscrito ser de uma família de Trás-os-Montes, porque recordava-se de o rei D. Dinis (1279-1325) ter feito mercê a um Pelayo Cortizos dessa terra.

<sup>5</sup> Calle de Toledo é uma rua histórica no centro da capital madrilena.

<sup>6</sup> Faria e Sousa não indicou o título do documento consultado. Possivelmente, está a referir-se ao códice iluminado *Livro do Armeiro-mor*, de 1509, de João do Cró, ou ao códice *Livro da nobreza e da perfeição das armas dos reis cristãos e nobres linhagens dos reinos e senhorios de Portugal*, de António Godinho, de data posterior ao primeiro e terminado no reinado de D. João III (1521-1557), mas iniciado em tempos de D. Manuel. Na nossa opinião, o escritor está a referir-se ao segundo, porque num dos seus comentários às armas do cardeal D. Henrique refere que este foi filho de D. Manuel e depois rei de Portugal. Sucede que as armas do futuro Cardeal-Rei (1578-1580) não estão especificadas no primeiro códice, mas no segundo.

Particular destaque fez Faria e Sousa às armas do “Almirante D. Vasco da Gama”. Segundo ele, o escudo de armas original de Vasco da Gama (1469-1524) não tinha o escudo real ao centro, sendo este um acrescento após Vasco da Gama ter descoberto o caminho marítimo para a Índia, em 1498.



Fig. 4 – Armas de Vasco da Gama, e de outras famílias, em *Escudos de armas, la mayor parte de Portugal*

Este apontamento às armas de Vasco da Gama não nos surpreende. Somos da opinião de que para Faria e Sousa, o navegador foi uma das figuras maiores dos Descobrimientos portugueses. A leitura das suas obras evidencia-o. Por exemplo, na obra *Lusíadas de Luis de Camoens, príncipe de los poetas de España...*, de 1639, Vasco da Gama foi uma das figuras principais da obra, só ultrapassado por Camões. Nesta obra, existem diversas ilustrações do navegador português, sendo que uma delas ocupa uma página por inteiro, estando Vasco da Gama vestido como terá feito a viagem para Oriente, conforme escreveu Faria e Sousa.

Um escudo de armas que levantou dúvidas a Faria e Sousa é o que se encontra no fôlio 40, com a designação *Santes*. O comentador escreveu que já tinha visto em outros livros de armas os apelidos *Antas* e *Dantas*, mas não *Santes*. Sugeriu, assim, a possibilidade do S, de *Santes*, ser um *D* mal escrito. Contudo, também apontou a possibilidade da verdadeira origem dos apelidos *Antas* e *Dantas* ser mesmo *Santes*.

Um outro escudo de armas que comentou foi o que representa o apelido *Gatucho*. Segundo ele, este apelido é antigo, embora modernamente seja designado por *Gato*, sendo um apelido “en casas grandes”.

A percepção com que ficamos dos comentários de Faria e Sousa a esta obra manuscrita e anónima foi a sua intenção de corrigir e acrescentar apontamentos que valorizassem a obra, com base nos seus conhecimentos sobre genealogia, pois demonstrava conhecer diversas obras sobre o assunto.

Esta sua forma de agir já se evidenciava em outros géneros literários. Faria e Sousa teve sempre o ímpeto de corrigir ou alterar aquilo que no seu entendimento era impreciso ou incorreto<sup>7</sup>. Por conseguinte, ao analisar este manuscrito, Faria e Sousa não poderia deixar de dar a sua opinião.

Em 1639, Faria e Sousa publicava *Lusiadas de Luiz de Camoens, Principe de los Poetas de España* em dois volumes. Nesta obra, Faria e Sousa descreveu no capítulo *Vida del Poeta* a história de Camões, justificando muito da sua visão em poemas d'*Os Lusíadas* e no seu conhecimento literário sobre o poeta.

Faria e Sousa iniciou o capítulo enunciando resumidamente as qualidades do poeta, vincando primeiramente as suas origens nobres, porque era “grande por sangue” (SOUSA, 1639:15), seguindo-se outras qualidades, como as do engenho, as militares e as literárias. Depois, no restante capítulo, procurou justificar estas qualidades através da narração da vida dele, dando destaque aos seus feitos e procurando minimizar os seus defeitos.

Faria e Sousa começou por expor os locais apontados para o seu nascimento: Coimbra, Santarém e Lisboa. Para o autor, Camões nasceu<sup>8</sup> na última localidade citada, apontando o ano de 1517. Após dissertar sobre o local de nascimento, Faria e Sousa voltou a vincar a nobreza sanguínea da linhagem de Camões como sendo um “Cavallero por sangre, de la illustre de los Reynos de Galicia, i Portugal”, fazendo a descrição genealógica dos seus familiares, considerando que o poeta descendia da família Caamaños, de origens galegas, que eram senhores de vários povos e que tiveram descendentes ilustres, como foi o doutor padre Ivan Salgado de Araújo da Galiza. Mais tarde, esta família passou para Portugal, iniciando o ramo português – intitulado de *Camoens* – com Vasco Peres de Camões que tomou o partido do monarca português D. Fernando (1367-1383), no ano de 1370, contra D. Henrique, o *Bastardo* (1369-1379). Desconhecendo quem sucedeu a Vasco Camões, Faria e Sousa escreveu que esta linhagem continuou com Rui Fernandez, senhor de várias localidades, como o Sardoal, Marão e Gestaçô. Após este senhor, Faria e Sousa continuou a elencar a linhagem desta família até chegar aos seus pais, Simão Vaz de Camões e Ana de Macedo.

De seguida, descreveu pormenorizadamente as particularidades dos escudos de armas da família galega – os Caamaños – e da variante da família portuguesa do poeta. Também se dedicou a tentar encon-

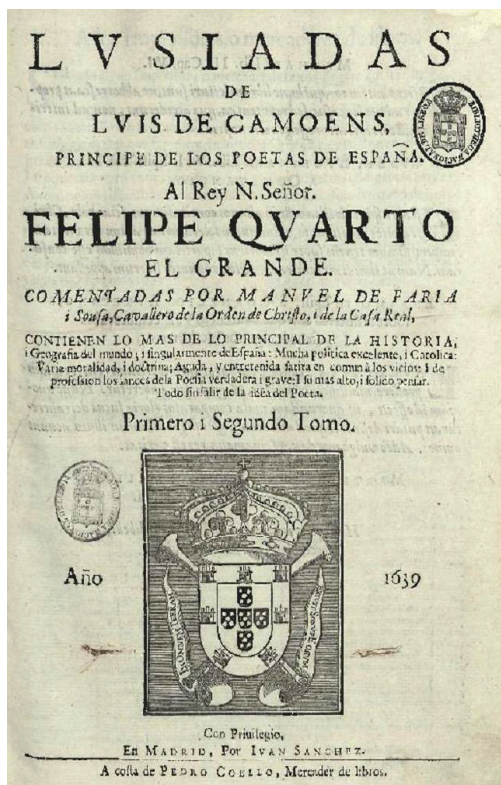


Fig. 5 – Folha de rosto de *Lusiadas de Luiz de Camoens, Principe de los Poetas de España*.

<sup>7</sup> Casos evidentes desta forma de intervir literariamente são os seus comentários à obra de Luís de Camões e a retirada de poemas de diversos autores a favor de Camões.

<sup>8</sup> A referência ao possível nascimento em Coimbra remete para o facto de, ainda com poucos anos de idade, a sua família ter ido viver para Coimbra devido ao surto de peste na capital e de, posteriormente, ter estudado nesta cidade. Já a referência a Santarém encontra a razão no facto de ser a terra-natal da mãe de Camões.

trar a origem do apelido, desde ser proveniente do nome de uma ave ou derivar de uma torre, na Galiza, que tinha o nome de Camoens ou Caamaños.

Nesta parte da narração em que analisou os escudos de armas da família galega e portuguesa do poeta, Faria e Sousa apresentou as opiniões de outros estudiosos sobre a composição dos brasões. Perante tantas variantes, o autor recorreu, novamente, ao livro de brasões do tempo de D. Manuel para argumentar que o brasão da família portuguesa de Camões era composto por uma serpe de ouro, que vai passando por dois penhascos de prata num campo verde. Além da descrição, Faria e Sousa procurou simbolicamente enquadrar todos os elementos do escudo de armas com a personalidade camoniana, procurando enobrecer a sua figura.

Após descrição sobre a genealogia de Camões, Faria e Sousa continua a descrever a vida dele, nomeadamente as suas aventuras além-mar, no Oriente português, descrevendo as passagens e funções por Goa, por Macau...

Faria e Sousa finalizou o capítulo escrevendo sobre a morte do poeta, na miséria, no ano de 1579, em Lisboa, sendo enterrado na Igreja de Santa Ana. E apesar de ter morrido na miséria, Faria e Sousa destacou, novamente, os seus méritos: foi um nobilíssimo cavaleiro, um claríssimo poeta, valente soldado e com costumes adequados às suas qualidades (SOUSA, 1639:58). Ou seja, Faria e Sousa terminou o capítulo como o começou, notando-se a intenção de evidenciar as qualidades de Camões, uma figura ímpar do reino português, embora este reino o tenha desprezado, segundo o escritor.

Como teremos a oportunidade de ler mais adiante, este capítulo não foi a única vez em que Faria e Sousa escreveu sobre as origens e a vida de Camões.

Em 1646, Faria e Sousa traduziu do português para a língua espanhola o *Nobiliario del Conde de Barcelos, Don Pedro, hijo del Rey D. Dionis de Portugal*. Além de fazer a tradução, o escritor acrescentou diversas notas, pois considerou que o manuscrito original tinha impertinências que o tornavam confuso e incorreto.

De todas as obras a analisar, o *Nobiliario de Don Pedro* é possivelmente o trabalho que mais se enquadra no tema da genealogia. Todavia, Faria e Sousa, no *Prólogo* à obra, mostrou a sua pouca vontade, ou estar pouco à vontade, em trabalhar este tema. O autor referiu que as análises genealógicas eram um tema oposto ao que gostava de escrever, porque preferia escrever sobre história. Adiantou, assim, que, certamente, muitos leitores, ao lerem este trabalho, vão ficar admirados por estar a escrever sobre linhagens.

Esta afirmação do autor parece ser um pouco contraditória com a prática. Faria e Sousa tinha largos conhecimentos teóricos sobre linhagens (como o próprio o referiu), bem como a prática da escrita genealógica, bem evidente no trabalho dedicado à família do 2.º Marquês de Castelo Rodrigo, nos apontamentos efetuados ao manuscrito *Escudos de armas, la mayor parte de Portugal* e nos capítulos sobre a vida de



Fig. 6 – Folha de rosto de *Nobiliario del Conde de Barcelos*.

Camões. Na nossa opinião, Faria e Sousa não soube exprimir ou justificar corretamente esta sua opção. Eventualmente, Faria e Sousa não gostava era de abordar de forma exaustiva o tema.

Uma das razões que motivou Faria e Sousa a empenhar-se no estudo de linhagens e, deste modo, a traduzir e anotar o *Nobiliário* do conde Barcelos foi o receio de que esse manuscrito fosse publicado com os mesmos erros – ou com “las indecias referidas, tan escandalosas” (SOUSA, 1646:30), como referiu – que se encontravam no documento. Ou seja, como não concordava com parte do que estava escrito no manuscrito e para evitar que fosse impresso com dados que, no seu entendimento, considerava errados, Faria e Sousa viu-se na “obrigação” de escrever sobre linhagens.

No *Prólogo* do livro, Faria e Sousa expôs alguns dos erros que o levaram a traduzir e a comentar a obra. Apresentemos alguns deles.

Para o escritor, o *Nobiliário* não foi redigido apenas pelo conde de Barcelos, argumentando que terá sido, eventualmente, objeto de acrescentos posteriores, por outros autores, dando o exemplo de serem referidos dados que aconteceram após o falecimento do conde (SOUSA, 1646:28).

Para justificar que o documento original foi alterado posteriormente, o comentador e tradutor acrescentou ainda que foram descritos factos que o conde de Barcelos presenciou, mas descreveu-os de forma incorreta e, por isso, só poderiam ter sido reescritos anos depois da morte do conde e com base em informações erradas.

Apesar destas afirmações, referiu que o documento terá sido, de facto, o conde a escrevê-lo, mas que foi mal informado em certos assuntos e possivelmente alterado em outros assuntos após a morte do conde.

Um outro motivo que motivou Faria e Sousa a alterar e a anotar o original é que esse manuscrito estava escrito numa linguagem pouco apropriada para esses tempos, devendo-se evitar confusões de palavras, o uso de palavras desconhecidas ou repetições desnecessárias que poderiam “cansar” quem fosse ler o livro.

Após o *Prólogo*, inicia-se propriamente o Nobiliário escrito por D. Pedro, com o registo das famílias, estando organizado em 76 Títulos. Atendendo à época, marcadamente religiosa, o Nobiliário indica que a origem de todas as famílias começou com Adão e Eva (Título I), seguindo-se a indicação dos reis de Troia e outros da Antiguidade (Título II). Contudo, as descrições destes títulos foram omitidas porque a intenção do autor era descrever as linhagens a partir dos reis de Espanha. Por conseguinte, descrições mais pormenorizadas sobre famílias nobres iniciam-se no Título III, com a linhagem dos reis de Espanha, começando com o rei D. Rodrigo (710-711), evidenciando as grandes batalhas que travou e a sua morte, seguindo-se a sua linhagem sucessória. Seguindo sempre o mesmo princípio descritivo, o Título IV dedica-se aos reis de Castela, iniciando com o rei D. Sancho, o *Maior*, que foi também rei de Navarra, Aragão e senhor de Portugal, sendo apresentada a sua sucessão familiar; seguindo-se, no Título V, os reis de Navarra. O Título VI, sobre os reis de França, não é descrito porque não interessava para o tema central, como escreveu o autor.

No Título VII, foram apresentadas as origens dos condes e reis de Portugal, iniciando-se com o conde D. Henrique (1096-1112), descrevendo-se as suas façanhas militares, casamentos e filhos que o sucederam, com destaque, como é lógico, para D. Afonso Henriques, que sucedeu ao pai no condado (1112-1143) e depois no reino (1143-1185).

Sobre o primeiro rei de Portugal, o conde D. Pedro enumerou as suas campanhas militares para consolidar o reino, como as batalhas de São Mamede (Guimarães), em 1127, a de Ourique, em 1139, e o Recontro de Valdevez, de 1140. Procedeu, igualmente, à descrição da sua linhagem, com referência aos filhos legítimos e bastardos. Segue-se D. Sancho I (1185-1211), caracterizando resumidamente o seu reinado e linhagem. O mesmo fez para D. Afonso II (1211-1223), D. Sancho II (1223-1248), D. Afonso III (1248-1279), que sucedeu ao irmão no trono, seguindo-se D. Dinis (1279-1325), D. Afonso IV (1325-1357),

finalizando a descrição dos reis em D. Pedro I (1357-1367). Após a descrição deste último rei, o conde D. Pedro descreveu as linhagens secundárias reais, legítimas e bastardas de D. Afonso III e de D. Dinis.

De entre essas, devemos destacar a descrição do próprio autor da obra, D. Pedro Afonso, conde de Barcelos, segundo filho de D. Dinis e de Aldonça Roiz de Telha, conforme o próprio escreveu. O próprio caracterizou-se como um homem generoso para os cavaleiros, só ultrapassado pelos reis, e capacitado militarmente. Primeiramente, casou com D. Branca e após a morte desta casou novamente com D. Maria Ximenez. D. Pedro Afonso não deixou descendência.

Após as descrições destas linhagens secundárias, o autor do Nobiliário começou a descrever as diversas linhagens do reino português, terminando o 76.º Título deste livro de linhagens com a família Gallinato.

Após este último título, a obra foi acrescida com outras famílias que não estavam no Nobiliário original e que foram retiradas de um outro nobiliário, sendo elas as linhagens Cabeça de Vaca, Quiroga, Diaz e Curveyra.

Após as linhagens, segue-se um conjunto de anotações à obra, em que a ligação das notas ao texto das linhagens é efetuada através do número de página – *Plana* –, letras e sinais ao longo do texto descritivo das famílias.

Além das anotações de Faria e Sousa, outros autores também fizeram diversas anotações e comentários. Primeiramente, temos as notas à obra de João Batista Lavanha (c. 1550-1624), seguindo-se as do 1.º Marquês de Montebelo, Felix Machado (c. 1595-1662); seguindo-se as de Álvaro Ferreira de Vera (15??-1645), que além das notas ao Nobiliário também fez anotações às notas de João Batista Lavanha e, por fim, temos as notas de Faria e Sousa.

Faria e Sousa começou as suas notas repetindo a ideia de não gostar de fazer trabalhos de genealogia, sendo uma advertência para o facto de as suas notas não trazerem grandes novidades em termos genealógicos, estando estas mais direcionadas para se entender linguisticamente o Nobiliário e para fazer diversos reparos históricos, políticos e doutrinários.

Após estas chamadas de atenção, Faria e Sousa iniciou as suas notas por questões gerais, analisando, por exemplo, a desregulamentação na atribuição dos títulos de *Dom* ou de *Conde*, escrevendo sobre as origens e a história da atribuição destes títulos (SOUSA, 1646:570). Ao escrever sobre este assunto, Faria e Sousa voltou a recorrer a Vasco da Gama, uma personalidade histórica que admira particularmente, referindo que após o descobrimento do caminho marítimo para a Índia, foi atribuído o título de *Dom* aos descendentes de descobridor.

Como também fez no *Prólogo*, Faria e Sousa voltou a colocar a questão de não ter sido apenas o conde de Barcelos a escrever este Nobiliário, justificando-se com a forma de escrever pouco homogénea. Além disso, para justificar o facto de o Nobiliário ter sido acrescentado posteriormente, Faria e Sousa argumentou que existem informações no livro que foram escritas com segundas intenções (ou seja, más intenções) bem como outras informações que estão em falta. Faria e Sousa argumentou que o conde era um zelador da honra e, por isso, nunca cometeria esses erros. Deu como exemplo o que se escreveu sobre Estêvão de Freitas e o seu filho, Martín de Freitas, que para Faria e Sousa foi com má intenção. Como exemplo de informações em falta, Faria e Sousa referiu a falta de informações sobre famílias que existiam antes e no tempo do conde e que não foram descritas no Nobiliário (SOUSA, 1646:658). E uma dessas famílias que existia antes e no tempo do conde era a família Faria, à qual pertencia o escritor por via materna. Assim, uma das notas mais importantes elaboradas por ele foi a descrição da sua linhagem materna.

Faria e Sousa começou por escrever que todos os apelidos têm uma origem. Deste modo, elencou as diferentes possibilidades da origem da sua família materna: segundo ele, as origens mais longínquas identificadas remontam aos tempos bíblicos, concretamente a tempos de Gedeão, nos quais existia uma

personalidade chamada de *Fára*, ou ao Livro dos Reis, no qual existia uma outra personalidade intitulada de *Farai*. Também sugeriu a hipótese da família Faria derivar de povos gregos que vieram povoar a Galiza que, por então, fazia parte territorial do Entre Douro e Minho e onde se fixou o solar dos Faria (SOUSA, 1646:668). Também argumentou que desde os tempos da ocupação romana da Península Ibérica que se registava a presença do título Faria. Seguidamente, descreveu os ramos da linhagem dos Faria, iniciando o ramo primeiro em Nuno González de Faria, filho de Fernando Perez de Faria, que foi rico-homem e alcaide-mor de Miranda. Na descrição dos diversos ramos, o autor destacou o sétimo, o ramo dos seus avós, pais e de ele próprio (FARIA, 1646:683). Sobre ele próprio, fez um resumo biobibliográfico terminando com a listagem dos seus filhos, destacando-se o primeiro, Pedro de Faria e Sousa, com o qual terminou este ramo familiar. Fez ainda referência ao ramo oitavo da sua família com início em Pedro Gonzalez de Faria e fim em Álvaro de Faria, que foi capitão-mor no mar de Malaca (SOUSA, 1646:687). Após a descrição da sua linhagem direta, o escritor apresentou ainda outros ramos dos Faria.

Excetuando-se esta nota sobre a família Faria, que nos remete propriamente para o campo da genealogia, as restantes notas de Faria e Sousa são de âmbito mais histórico, não obstante entrarem por vezes pela vertente genealógica, mas não tão exaustivas como a entrada anterior.

De salientar que algumas das notas são o resultado da experiência pessoal do comentador. Por exemplo, Faria e Sousa fez um comentário sobre a galilé do Mosteiro de Pombeiro, como nota ao referido pelo conde D. Pedro quando este escreveu sobre as famílias monacais de Pombeiro: *El Conde D. Gomez Nuñez, n.4, yaze en Pombeiro, en la Galiguel a mano...* (SOUSA, 1646:701).

Como Faria e Sousa era natural de Pombeiro, e no Mosteiro de Pombeiro foi batizado e aprendeu as primeiras letras, o comentador escreveu que ainda se recordava, quando tinha seis ou sete anos, da existência dessa galilé, designada pelo conde D. Pedro por *Galiguel*, que se situava onde se levantaram duas torres, lembrando-se de alguns pormenores dessa estrutura (que tinha pilares, colunas, telhado) e que servia como local de sepultamento de cavaleiros antigos, sobretudo da família dos Sousa (SOUSA, 1646:701).

Uma outra nota que Faria e Sousa fez questão de escrever foi sobre Egas Moniz (c. 1080-1146), o aio do primeiro rei português, porque as informações no *Nobiliário* sobre esta personalidade eram escassas. Assim, o comentador decidiu acrescentar uma nota extensa a esta figura histórica que estava inserida no Título 36.º, dedicado à família dos Ribadouro, cuja linhagem se iniciou com Moninho Viegas (c. 950-1022), o *Gasco*.

Faria e Sousa escreveu que Egas Moniz foi o aio de Afonso Henriques, embora primeiramente tenha sido a sua mulher a criá-lo nos primeiros anos. Só mais tarde é que Egas Moniz chamou a si a educação de Afonso Henriques para o doutrinar e torná-lo num dos soberanos mais temidos do mundo de então (SOUSA, 1646:702). Após este apontamento histórico, e dentro deste mesmo comentário sobre Egas Moniz, Faria e Sousa dispersou um pouco sobre o conceito de Aio(a) e Amo(a), dando diversos exemplos de famílias nobres que estiveram ao serviço das monarquias ibéricas.

Seguidamente, Faria e Sousa escreveu sobre a famosa ida a Toledo de Egas Moniz e o evento histórico que promoveu essa deslocação à corte, analisando as diversas perspetivas históricas dadas ao assunto por diversos escritores, como frei António Brandão e Pero Coelho, sem se esquecer de citar passagens d' *Os Lusíadas* de Luís de Camões.

Retirando os poucos comentários sobre genealogia, como o relacionado com a família Faria, a maioria dos comentários reveste-se de um carácter mais histórico, evidenciando como Faria e Sousa entendia ou interpretava determinada personalidade ou evento.

Faria e Sousa não escreveu, apenas, sobre personalidades portuguesas. Os longos anos vividos em Castela também se refletem na sua escrita. Exemplo é a obra póstuma *El gran justicia de Aragon don Martín Baptista de Lanuza*<sup>9</sup>, de 1650, estruturada em quatro livros com diversos capítulos.

Se nos capítulos I e II Faria e Sousa descreveu a ascendência de D. Martín Baptista (1550-1622) e dos seus irmãos, nos restantes livros e capítulos, encaminhou-se para uma obra de cariz biográfico, descrevendo a sua vida, os seus escritos, os seus discursos e até as suas qualidades intelectuais (como a bondade ou a caridade) e religiosas. Basicamente, estamos perante uma obra biográfica efetuada por Faria e Sousa e que tornou o escritor português no biógrafo de D. Martín Baptista de Lanuza.

No final desta obra, encontramos a biografia de Faria e Sousa designada por *Retrato de Manuel de Faria y Sousa*, na qual é exposta a sua vida desde o seu nascimento, por Francisco Moreno Porcel.

Em 1685, era impressa em Lisboa, também a título póstumo, a obra *Rimas varias de Luis de Camoens, príncipe de los poetas heroycos y lyricos, de España... commentadas*.

Num dos seus capítulos iniciais, o autor revisita a vida de Camões agora de forma abreviada, como salientou, porque, anteriormente, já tinha descrito amplamente a vida dele, não querendo agora repetir essa descrição, conforme justificou. Não obstante Faria e Sousa referir que é uma versão resumida, isso não o impossibilitou de atualizar diversas informações sobre o poeta.

Nesse capítulo, designado por *Vida del Poeta* – a mesma designação do anterior capítulo escrito na obra *Lusíadas de Luiz de Camoens, Principe de los Poetas de España*, em 1639, e analisado anteriormente –, Faria e Sousa escreveu que não se sabe ao certo onde nasceu Camões, apontando Lisboa, Coimbra e Santarém, embora o autor se incline para a primeira cidade. De seguida, faz uma análise aos seus apelidos paternos e maternos, procurando justificar a sua ascendência nobre, baseada em ilustres famílias. Como no anterior texto dedicado ao mesmo poeta, Faria e Sousa voltou a escrever sobre o ano de nascimento de Camões, analisando as diversas datas atribuídas ao evento (SOUSA, 1685:24), considerando, agora, a possibilidade de ter sido em 1524<sup>10</sup>. Também escreveu que os seus pais viveram na Mouraria, em Lisboa.

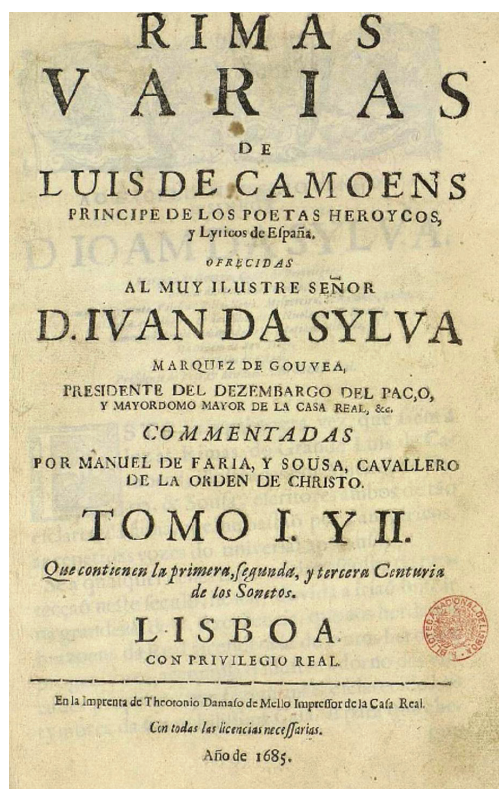


Fig. 7 – Folha de rosto de *Rimas varias de Luis de Camoens*.

<sup>9</sup> De família aristocrata, licenciou-se em Leis e foi juriconsulto e tenente no Tribunal de Justiça de Aragão. Foi um dos principais partidários de Filipe II de Espanha (1556-1598) no reino de Aragão (LAHOZ FINESTRES, 2018).

<sup>10</sup> Atualmente, é quase consensual que Camões terá nascido neste ano ou muito próximo deste, eventualmente em 1525.

Num segundo momento, o escritor debruçou-se sobre a vida de Camões desde a sua juventude, indicando onde estudou (em Coimbra), os seus amores – sobretudo com a chamada “Dama de Palacio”<sup>11</sup> (SOUSA, 1685:26) –, o seu serviço militar em Ceuta e a sua partida e aventuras pelo Oriente português, devido a se ter desiludido com Lisboa e com a sua pátria. Esta é uma das partes do capítulo em que Faria e Sousa mais se ocupou a escrever sobre a vida de Camões. Depois, narrou a sua vinda para Portugal, a publicação d’*Os Lusíadas* e os amargos de vida pelos quais passou Camões.

Na defesa de Camões, o autor criticou alguns escritores que procuraram denegrir o poeta, como Pedro de Mariz, que escreveu “con muchas ignorancias la Vida del P.” (SOUSA, 1685:30) e o acusou de andar com pessoas desqualificadas e de ter costumes questionáveis. Perante as críticas, um dos argumentos apresentados por Faria e Sousa para defender Camões foi evidenciar que a escrita camoniana foi apreciada durante a sua vida em Lisboa.

Escreveu, igualmente, sobre o eventual local da sua morte, se num hospital ou na humilde casa onde vivera.

Faria e Sousa terminou o capítulo descrevendo Camões como um nobilíssimo cavaleiro, valente soldado, com costumes equivalentes às suas qualidades, mas que teve contra si uma Pátria ingrata (SOUSA, 1685:34).

Neste novo trabalho sobre Camões, e baseando-se constantemente n’*Os Lusíadas*, Faria e Sousa procurou, novamente, mostrar a nobreza do poeta e retirar uma visão negativa que sobre ele existia. Para atingir estes fins, o escritor começou por evidenciar a nobreza das origens de Camões, devido a ter pertencido a uma antiquíssima família galega, cujas origens parecem remontar aos princípios do século XI (GEH, 2009:971). Por outro lado, procurou também evidenciar que foi um bravo soldado ao serviço do reino, porque esteve em Ceuta, onde perdeu o olho direito em combate (MENDES, 2009:973). Por fim, procurou defendê-lo tentando retirar uma certa visão negativa que de Camões existia devido a algumas atitudes menos nobres que tomou na sua vida, levando uma vida desregrada (FRAZÃO, 2020), como sucedeu numa procissão do Corpo de Deus, em Lisboa, quando feriu Gonçalo Borges e, por este delito, esteve preso (MENDES, 2009:973). Concluindo, o escritor tentou destacar a nobreza de Camões, expondo a sua linhagem, a sua elevação moral e a sua grandeza, procurando desta forma retirar acusações de que Camões não passaria de um rude primitivo (ALVES, 2011:393).

## REFLEXÃO FINAL

O estudo de famílias nobres não foi um tema muito abordado por Faria e Sousa se analisarmos a sua obra na totalidade. Para isso, muito contribuiu o facto de o escritor não gostar particularmente de escrever sobre o tema, como o próprio referiu, embora fosse conhecedor dos principais livros de linhagens da época.

Na nossa opinião, Faria e Sousa foi, acima de tudo, um escritor prático. Embora não fosse o tema de que mais gostasse de escrever, acabava por o abordar desde que fosse necessário para justificar a história de uma família, de uma personalidade, para colmatar falhas históricas ou, simplesmente, quando a vida o impunha por se encontrar “desocupado” literariamente ou por motivos de sobrevivência económica.

Fundamentamos esta nossa opinião no trabalho genealógico efetuado para o Marquês de Castelo Rodrigo, que só poderia ter sido feito por se encontrar desocupado ou necessitado financeiramente. A nossa opinião também se fundamenta na descrição da linhagem dos Faria no Nobiliário do Conde de Barcelos por

---

<sup>11</sup> Possivelmente, Faria e Sousa está a referir-se a Catarina de Ataíde, dama da rainha D. Catarina da Áustria (1525-1557), esposa de D. João III (1521-1557), com a qual Camões teve uma ardente paixão (FRAZÃO, 2020).

este evidenciar uma falha histórica. Já a descrição da linhagem de Camões e, em certa medida, a biografia de Martín Baptista de Lanuza perseguem o propósito de justificar historicamente estas personalidades perante a sociedade de então.

No caso particular de Camões, Faria e Sousa evidenciou as qualidades literárias do poeta, bem como a sua valentia enquanto soldado, e igualmente a qualidade da sua linhagem, pois pertencia a famílias nobres. Com o intuito de defender e valorizar Camões, o escritor recorreu a todos os argumentos existentes para o fazer. E um desses argumentos foi a linhagem do poeta.

Ao fazê-lo desta forma, Faria e Sousa defendia a vida e a obra de Camões, procurando retirar dele qualquer mácula que existisse (porque existia) e, ao mesmo tempo, reforçava-o como uma das maiores personalidades nacionais, em tempos em que Portugal estava unido a Espanha, pela União Ibérica, devendo ser um exemplo a seguir como, aliás, o foi para Faria e Sousa.

De igual modo, o recurso por diversas ocasiões à figura de Vasco da Gama, como sucedeu no comentário feito ao seu brasão, também se pode inserir no âmbito de enobrecer uma personalidade, e indiretamente o reino, evidenciando a sua contribuição para a glorificação portuguesa.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

- (GEH) GABINETE DE ESTUDOS HERÁLDICOS – Camões. In CHORÃO, João Bigotte (dir.) – *Enciclopédia Verbo Lusó-brasileira de Cultura, Edição Século XXI*. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 2009. Vol. 5, pp. 971-972.
- ALMEIDA, M. Lopes d' – Introdução. In SOUSA, Manuel de Faria e – *Asia portuguesa*. Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1945.
- ALVES, Hélio J. S. – Faria e Sousa, Manuel de. In SILVA, V. A. (coord.) – *Dicionário de Luís de Camões*. Alfragide: Editorial Caminho, 2011, pp. 390-398.
- CORREIA, A. M. *et al.* – Faria e Sousa (Manuel de). In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1935-1957. Vol. 10, pp. 930-932.
- COSTA, Joaquim Luís – *Manuel de Faria e Sousa: cidadão do mundo e das letras ao serviço de Portugal*. Lousada: CERT, 2012.
- COSTA, Joaquim Luís – Novo contributo para a compreensão da vida e obra de Manuel de Faria e Sousa. *E-Revista de Estudos Interculturais do CEI*. N.º 5 (2017).
- CRÓ, João do – *Livro do Armeiro-mor*, 1509. Lisboa: DGARQ - Direcção-Geral de Arquivos, 2008. Código de referência PT/TT/CR/D-A/001/19. [Consul. 23 out. 2022]. Disponível em <URL: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4162406>>.
- DORNELLAS, A. – Luiz de Camões: elementos de estudo. *Revista Elucidário Nobiliarchico*. Vol. 1, n.º 7 (1928), pp. 210-228.
- FRAZÃO, Dilva – Luís de Camões [em linha]. In *eBiografia: biografias de famosos, resumo da vida, obras, carreira e legado*. Última atualização 2020. [Consul. 26 out. 2022]. Disponível em <URL: [https://www.ebiografia.com/luis\\_camoes/](https://www.ebiografia.com/luis_camoes/)>.
- FREITAS, Eduardo de – *Felgerias Rúbeas: subsídios para a história do concelho de Felgueiras*. 2.ª ed. Felgueiras: edição do autor, 1985.
- GODINHO, António – *Livro da nobreza e da perfeição das armas dos reis cristãos e nobres linhagens dos reinos e senhorios de Portugal*. [15--]. Lisboa: DGARQ - Direcção-Geral de Arquivos, 2008. Código de referência PT/TT/CR/D-A/001/20. [Consul. 23 out. 2022]. Disponível em <URL: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4162407>>.

- LAHOZ FINESTRES, José María – Martín Bautista de Lanuza [em linha]. In *Diccionario Biográfico electrónico*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2018. [Consul. 3 nov. 2022]. Disponível em <URL: <https://dbe.rah.es/biografias/15622/martin-bautista-de-lanuza>>.
- LEMONS, Ester de – *Estudos portugueses*. Porto: Porto Editora, 2003.
- LEYVA MARTÍN, A. – *Manuel de Faria y Sousa, comentador de Os Lusíadas: um acervo de escritores italianos (SS.XIII-XVII)*. Granada: Universidad Granada, 1987. Tese de doutoramento.
- MANUEL DA SILVA, X. – Carolina Michaëlis e a inauguração da modernidade nos estudos camonianos. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*. N.º 18 (2001), pp. 93-106.
- MENDES, João – Camões (Luís de). In CHORÃO, João Bigotte (dir.) – *Enciclopédia Verbo Luso-brasileira de Cultura, Edição Século XXI*. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 2009. Vol. 5, pp. 972-978.
- MORENO PORCEL, Francisco – *Retrato de Manuel de Faria y Sousa, cavallero del orden militar de Christo, y de la Casa Real*. Madrid: [s.n.], 1650.
- PAULINO, Gomes (coord.) – *Felgueiras: tradição com futuro*. Paços de Ferreira: Anégia Editores, 1996.
- ROTA DO ROMÂNICO – Mosteiro de Pombeiro [foto]. Lousada: Rota do Românico, 2012. Foto de António Cabral para a Rota do Românico.
- SILVA, Manuel de Sousa da – *Nobiliário das gerações de Entre-Douro-e-Minho*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, 2000. Vol.II, pp. 348-349.
- SOUSA, Manuel de Faria e – [Descrição e notas]. In *Escudos de armas, la mayor parte de Portugal*. [S.l.: s.n., c. 1501-1600]. Manuscrito anónimo. Biblioteca Digital Hispánica. Disponível em <URL: <http://bdh.bne.es>>.
- SOUSA, Manuel de Faria e – *El gran justicia de Aragon don Martín Baptista de Lanuza*. Diego Díaz de la Carrera, 1650.
- SOUSA, Manuel de Faria e – *Lusíadas de Luiz de Camoens, Principe de los Poetas de España*. Madrid: Ivan Sanchez, 1639. 2 volumes.
- SOUSA, Manuel de Faria e – *Nobiliario del Conde de Barcelos, Don Pedro, hijo del Rey D. Dionis de Portugal, traduzido castigado y con nuevas ilustraciones por Manuel de Faria y Sousa*. Madrid: por Alonso de Paredes, 1646.
- SOUSA, Manuel de Faria e – *Rimas varias de Luis de Camoens: tomo I e II*. Lisboa: Theotonio Damaso de Mello, 1685.